

# Competências interprofissionais: vivências no programa de educação pelo trabalho para a saúde

*Interprofessional competencies: experiences in the  
education program for work for health*



ISSN 2358-7180

**Mariana Souza Batista<sup>1</sup>, Jocellem Alves de Medeiros<sup>2</sup>, Edinara Lima de Oliveira<sup>3</sup>, Delayne Azevedo de Oliveira Alexandre<sup>4</sup>, Luciana Fernandes de Medeiros<sup>5</sup>, Ligia Rejane Siqueira Garcia<sup>6</sup>**

## RESUMO

O objetivo deste artigo foi relatar as experiências dos discentes e preceptores que compõem o grupo de Saúde Mental do Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde) sobre a Educação Interprofissional. O principal direcionamento dessa experiência foi a análise do trabalho em equipe e da clareza de papéis como competências interprofissionais em serviços de saúde de uma cidade do interior potiguar. Na atual edição, esse programa insere-se na Universidade Federal do Rio Grande do Norte com o intuito de proporcionar aos discentes, docentes e profissionais de diferentes campos da saúde vivências relacionadas à interprofissionalidade. Para isso, o grupo realizou visitas a serviços de atenção primária e secundária do Sistema Único de Saúde (SUS), utilizando métodos de observação do cotidiano, diálogos com os profissionais e um estudo contextual. A experiência revelou desafios pertinentes à dinâmica de trabalho das equipes como o número reduzido de profissionais, resistência destes em realizar atividades comuns ao exercício profissional dos demais integrantes, estereótipos acerca das funções dos trabalhadores, dificuldades em relação à comunicação, planejamento e discussão de casos e, por fim, uma assistência psicossocial focada na renovação de receitas dos medicamentos com pontuais interconsultas. Em apenas um desses estabelecimentos, a atenção centrada no usuário e a comunicação efetiva foram melhor percebidas. Com tais resultados, a necessidade da inserção e discussão da interprofissionalidade na realidade desses contextos foi reafirmada. Apoiado na luta pelo rompimento da assistência fragmentada, o PET-Saúde apresentou aos participantes uma nova maneira de atuação, proporcionando, assim, uma maior visibilidade das competências interprofissionais.

Palavras-chave: Educação Interprofissional. Prática Profissional. Atenção à Saúde.

<sup>1</sup> Graduanda de Psicologia. Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi (FACISA)/Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Santa Cruz, RN, Brasil. E-mail: [marianasouza@ufrn.edu.br](mailto:marianasouza@ufrn.edu.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9332-6656>

<sup>2</sup> Graduanda de Enfermagem. Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi (FACISA)/Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Santa Cruz, RN, Brasil. E-mail: [jocellemmedeiros@gmail.com](mailto:jocellemmedeiros@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6372-8424>

<sup>3</sup> Assistente Social da V Regional de Saúde. Secretaria de Saúde Pública do Rio Grande do Norte (SESAP/RN), Santa Cruz, RN, Brasil. E-mail: [edinaralina@hotmail.com](mailto:edinaralina@hotmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0464-931X>

<sup>4</sup> Nutricionista. Secretaria Municipal de Saúde de Santa Cruz/RN, Brasil. E-mail: [delayne.nut@bol.com.br](mailto:delayne.nut@bol.com.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9126-3110>

<sup>5</sup> Doutora em Psicologia Social. Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi (FACISA)/Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Santa Cruz, RN, Brasil. E-mail: [lucianamedeirosufrn@gmail.com](mailto:lucianamedeirosufrn@gmail.com). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6754-7217>

<sup>6</sup> Doutora em Saúde Coletiva. Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi (FACISA)/Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Santa Cruz, RN, Brasil. E-mail: [ligiarejane@yahoo.com.br](mailto:ligiarejane@yahoo.com.br). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6039-481X>

## ABSTRACT

The aim of this article was to report the experiences of the students and preceptors who make up the Mental Health group of the Program of Education by Work for Health (PET-Saúde) on Interprofessional Education. The main direction of this experience was the analysis of teamwork and the clarity of roles as interprofessional competencies in health services in a city in the interior of Potiguar. In the current edition, this program is part of the Federal University of Rio Grande do Norte in order to provide students, professors and professionals from different health fields with experiences related to interprofessionality. For this, the group visited primary and secondary care services of the Unified Health System (SUS), using methods of daily observation, dialogues with professionals and a contextual study. The experience revealed challenges pertinent to the work dynamics of the teams, such as the reduced number of professionals, their resistance to performing activities common to the professional practice of the other members, stereotypes about the workers' functions, difficulties in relation to communication, planning and discussion of cases and, finally, a psychosocial assistance focused on the renewal of prescriptions of medicines with punctual interconsultations. In only one of these establishments, user-centered care and effective communication were better perceived. With these results, the need for the insertion and discussion of interprofessionality in the reality of these contexts was reaffirmed. Supported by the struggle for the disruption of fragmented care, PET-Saúde presented the participants with a new way of acting, thus providing a greater visibility of interprofessional competencies.

**Keywords:** Interprofessional Education. Professional Practice. Health Care.

## INTRODUÇÃO

Apresentada como um dos princípios doutrinários do Sistema Único de Saúde (SUS), a integralidade traz consigo a necessidade de superar a predominância de um modelo de saúde baseado na fragmentação e no assistencialismo de suas práticas. Tendo em vista a complexidade desse desafio, o fazer e a formação dos profissionais de saúde começam a ser discutidas e abrem espaço para diálogos ligados à abordagem interprofissional (FERLA; TOASSI, 2017; SANTANA; SILVA, 2020). Em território nacional, a interprofissionalidade se apresenta com maior notoriedade a partir de sua inserção em âmbitos sociais como a gestão de trabalho e a educação na saúde (CECCIM, 2018).

Aliada a esse debate, destaca-se a Educação Interprofissional (EIP), por meio de suas estratégias teórico-metodológicas direcionadas para uma formação mais atrelada à colaboração e à efetividade do trabalho em equipe (MALLMANN; TOASSI, 2019). Ainda de acordo com essas autoras, a EIP é conceituada pelo movimento de aprendizagem conjunta e interativa dedicado a trabalhadores de duas ou mais profissões. Nesse sentido, almeja-se que os profissionais possam compreender a relevância em relação ao aprender com e sobre as outras atuações e, em consequência, contribuir para uma forma de integralização do cuidado em saúde (FILHO; SILVA, 2017). Dessa maneira, os principais objetivos da EIP se constituem pela maior colaboração profissional e a melhoria da qualidade da atenção aos usuários que frequentam os serviços de saúde (MALLMANN; TOASSI, 2019).

Partindo dessas dimensões, a prática colaborativa (PC) é atravessada pelas competências interprofissionais, as quais se caracterizam como aquelas que cada profissional necessita para trabalhar em conjunto (IPEC, 2011). Por conseguinte, tais competências aparecem tão essenciais para a integralização do cuidado quanto às próprias especialidades de cada profissão. Dentre estas competências, encontra-se o trabalho em equipe, que propicia a integração através das trocas de saberes e experiências pautadas pelo respeito à diversidade. Em razão disso, é possibilitada a cooperação exigida para o desenvolvimento de práticas de saúde transformadoras, já que o diálogo permanente é estabelecido (BATISTA; PEDUZZI, 2018).

No que se refere ao fortalecimento dessa modalidade de trabalho, o fomento é realizado por meio de ações que estimulam o trabalhador a compreender e ter clareza acerca dos papéis de seus colegas, bem como sobre a sua interdependência com as outras áreas da saúde. Sendo assim, compreender o fazer dos outros profissionais também se institui como uma competência interprofissional. Por esse motivo, sua ausência pode acarretar alguns impedimentos para a PC, tendo em vista os múltiplos conflitos relativos às funções de cada profissão (MITCHELL et al., 2010). Este fator, ocasionado pela formação uniprofissional dos campos da saúde (BARR et al., 2008), evidencia as dificuldades ligadas à compreensão dos papéis entre os profissionais da equipe, como também a dificuldade de articulação do trabalho, o que pode causar diversas rivalidades e ressentimentos entre as áreas de atuação (COSTA; ENDERS; MENEZES, 2009).

Considerando tal cenário e a emergência da EIP no contexto nacional, surgem políticas indutoras de formação para a saúde como o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde), instituído em 2010 (BRASIL, 2010). A nona edição desse programa, intitulada PET-Saúde/Interprofissionalidade (2019-2021), integra um conjunto de ações do Plano para a Implementação da Educação Interprofissional no Brasil, conforme chamado realizado pela Organização Pan Americana da Saúde (OPAS/OMS) em 2016 (Brasil, 2018).

Nessa perspectiva, o propósito do PET-Saúde/Interprofissionalidade é promover a formação de grupos de aprendizagem tutorial em áreas estratégicas para o SUS e incentivar a qualificação de docentes e profissionais. Ao lado disto, há a dimensão focada na iniciação ao trabalho por meio das vivências dirigidas aos estudantes das graduações em saúde, visando a integração ensino-serviço-comunidade (SANTOS; BATISTA, 2018).

De tal modo, dada a importância dessa temática e a necessidade de debatê-la nos contextos da saúde pública, o presente trabalho tem como objetivos: 1) relatar as experiências dos participantes do programa – discentes e preceptores – sobre a vivência da EIP nos serviços de saúde e 2) analisar as competências colaborativas do trabalho em equipe e da clareza de papéis a partir da realidade prática dos profissionais nesses espaços.

## MÉTODOS

As vivências relatadas correspondem a participação dos discentes e preceptores na atual edição do PET/Saúde (2019-2021), realizada na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), especificamente, no campus Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi (FACISA). Em busca de desenvolver uma melhor articulação entre ensino-serviço-comunidade, foram divididos cinco grupos de atuação compostos por estudantes dos cursos de Enfermagem, Fisioterapia, Nutrição e Psicologia. Esses agrupamentos ainda reúnem docentes-tutores, vinculados à FACISA, e preceptores de diferentes profissões, que estão inseridos na Rede de Atenção à Saúde (RAS) da cidade. Em vista disso, esses participantes foram divididos pelas temáticas da Saúde da Mulher, Saúde do Trabalhador, Saúde da Criança e Adolescente, Saúde Mental e Apoio Matricial. Dentre estes temas, serão destacadas, ao longo deste trabalho, as experiências do grupo de Saúde Mental.

As primeiras vivências práticas aconteceram no Centro de Atenção Psicossocial II (CAPS), dispositivo este que faz parte da Atenção Secundária do SUS. Nesse contexto, os discentes tiveram a preceptoria de uma nutricionista vinculada a esse estabelecimento e uma assistente social, ambas participantes do projeto. Sendo assim, o encontro inicial teve seu foco centrado na apresentação dos estudantes à equipe do CAPS, como também na elucidação dos objetivos do PET-Saúde/Interprofissionalidade. Com o propósito de tornar esse momento mais interativo e propício ao diálogo, houve a efetivação de uma dinâmica que propôs ilustrar a importância do trabalho coletivo para se obter os objetivos de uma equipe.

Para iniciar essa dinâmica, distribuiu-se uma cartolina para cada profissional. Após isso, foi estabelecida uma linha de chegada e os trabalhadores deveriam alcançá-la através das cartolinas, sem tirar os pés de cima destas em nenhum momento, bem como mantê-las intactas até a chegada. Diferentes alternativas de cumprir essa atividade

poderiam ser pensadas, uma delas seria a junção de dois participantes, proporcionando, assim, que uma cartolina fosse colocada diante da outra, enquanto os dois participantes estavam sob uma delas. Ao final desse momento, percebeu-se que nenhum dos profissionais conseguiu chegar até o objetivo traçado, seguindo as regras, o que gerou, posteriormente, diversos aspectos a serem discutidos sobre as implicações e contribuições do trabalho em equipe. Os profissionais ainda apresentaram suas percepções e expectativas a respeito do conteúdo abordado e da presença do PET-Saúde naquele estabelecimento. Desse modo, a equipe relatou suas demandas para a viabilização do programa no CAPS, sendo enfatizadas, então, a interprofissionalidade, clareza de papéis, cooperação e o trabalho em equipe.

A segunda e a terceira visitas se direcionaram por meio de uma observação participativa, com o intuito de compreender como se dá o trabalho nesse serviço de saúde mental. Em relação aos encontros seguintes, foi orientada a realização de diálogos individuais com os nove profissionais que compõem a equipe, a fim de apreender como eles visualizam a clareza de papéis neste espaço. Isto posto, as perguntas se referiam ao papel desempenhado pelo próprio profissional e ao que ele compreendia sobre as atividades dos seus colegas. Ao concluir tais entrevistas, o grupo PET construiu entre si discussões sobre o que havia sido captado por meio do aporte teórico sobre essa competência interprofissional, assim como das leis, resoluções e portarias que regem o exercício profissional de cada trabalhador atuante no CAPS.

Com a finalidade de aprofundar as discussões sobre as competências interprofissionais e de levar essa discussão a outros espaços, foram articuladas quatro visitas aos serviços que compõem a Atenção Primária do SUS: a Unidade Básica de Saúde (UBS) e o Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF). Nesse sentido, os discentes-participantes realizaram uma análise contextual acerca do trabalho em equipe nesses espaços, sob a supervisão do enfermeiro da UBS, que também é preceptor do PET. Essa análise busca compreender a totalidade das situações, que se divide em camadas interativas e inter-relacionadas: o contexto imediato, o contexto específico, o contexto geral e o metacontexto. Sendo assim, as discussões sobre esses âmbitos se desenvolveram através da observação participativa, bem como de diálogos com alguns usuários e trabalhadores da UBS e do NASF.

Na seção a seguir, serão descritos os resultados dessas experiências advindas do PET-Saúde-Interprofissionalidade, mostrando, dessa forma, a análise e as vivências dos discentes-participantes e preceptores acerca da clareza de papéis e do trabalho em

equipe como competências interprofissionais nos cenários do CAPS, NASF e da UBS da cidade de Santa Cruz-RN. As visitas a esses serviços aconteceram nos meses de novembro de 2019 e fevereiro de 2020. Ademais, cabe ressaltar que todos os contatos ocorreram com a supervisão dos profissionais pertencentes aos serviços, caracterizando-se como iniciativas vinculadas ao estabelecimento.

## **RESULTADOS**

O caráter dessas visitas se concentrou no reconhecimento da dinâmica de trabalho e no levantamento do diagnóstico relacionado ao cuidado em saúde nesses estabelecimentos, a fim de entender como a EIP poderia se inserir nesses espaços. O propósito se vincula à inserção e a identificação da realidade desses serviços, como uma oportunidade de relacionar a interprofissionalidade à prática, percebendo, assim, a sua capacidade de transformação nestes espaços.

### **Conhecendo a equipe do Centro de Atenção Psicossocial**

No primeiro momento, os participantes do programa foram recebidos pelos trabalhadores do CAPS II por meio da interatividade e do interesse em mudanças para superar os desafios enfrentados cotidianamente. Por outro lado, verificou-se o receio de alguns profissionais em expressar as experiências vivenciadas na rotina de trabalho. Através dessas posturas, foi perceptível que a dinâmica de trabalho nesse local estava imersa em diversos desafios, sobretudo, no que diz respeito ao número reduzido de profissionais na equipe.

O quadro reduzido de trabalhadores ficou evidenciado durante as intervenções terapêuticas. Após observar uma atividade em que os usuários do CAPS aprenderam a construir uma flor de cartolina com uma artesã, os discentes dialogaram com esta profissional. A partir desse instante, foi revelado que a mesma estava cedida por outro serviço da cidade e, em razão disso, trabalhava no CAPS como oficineira, apenas duas vezes por semana.

### **Dialogando sobre a clareza de papéis e o trabalho em equipe**

Por meio do diálogo sobre os papéis dos profissionais do CAPS, analisou-se a existência de atividades comuns a todos os profissionais, o que poderia ser considerada, nessa perspectiva, como pertencentes às competências interprofissionais. Dentre estas, destacam-se o “Bom dia CAPS”, o acolhimento e a escuta qualificada. A primeira corresponde à ação dedicada às boas vindas dos usuários, de modo que os profissionais



devem se revezar para garantir que o “Bom dia CAPS” seja a atividade inicial de todos os dias. Já o acolhimento e a escuta qualificada são práticas que podem ser efetivadas durante todo o dia, tendo em vista que o serviço atende por demanda interna e externa, portas abertas para todos os casos (MAYNART et al., 2014), e, em consequência, devem ser realizadas de maneira cuidadosa e atenciosa, a fim de já fornecer uma breve intervenção para a pessoa que adentrou ao CAPS.

Entretanto, na fala dos trabalhadores, ressaltou-se que alguns membros da equipe se apresentaram resistentes para realizar o acolhimento e a escuta, pois acreditavam que aquelas práticas não diziam respeito à sua formação, desse modo, sendo evidenciada a ainda dominante concepção uniprofissional e especializada sobre o cuidado em saúde (FILHO; SILVA, 2017). Por conseguinte, alguns profissionais demonstraram dificuldade ao definir o papel de seus colegas, pois estavam centrados em suas próprias funções e acabavam descrevendo as outras profissões através de estereótipos da área. Dificuldades para falar acerca do próprio papel dentro do CAPS também foram verificadas, uma vez que consideravam como impeditivo o vínculo empregatício temporário. Outro aspecto levantado pelos profissionais foi o de terem chegado na atenção psicossocial sem nenhuma formação na área da saúde mental.

Ainda durante os relatos, pode-se perceber que a figura médica não é vista pelos demais profissionais como integrante da equipe, de modo que sugerem que sua atuação está associada ao trabalho ambulatorial. Além disso, foi apontado que, devido à elevada demanda de consultas, o médico não consegue participar dos momentos em equipe, como, por exemplo, reuniões para a discussão de casos, o que implica, diretamente, na efetividade da comunicação, assim como na qualidade da atenção disponibilizada ao usuário.

O trabalho em equipe também é uma competência que perpassa por desafios no âmbito do CAPS, tendo em vista que a equipe desse estabelecimento estava agindo como um grupo. Mesmo havendo a finalidade ligada ao cuidado em saúde centrado no usuário, ela não estava elucidada para todos os participantes da equipe, dificultando, dessa forma, a interdependência e o respeito entre os profissionais do CAPS (PUENTE; ALBUQUERQUE, 2014). Além disso, os trabalhadores também se depararam com a centralização de poder na equipe gestora, uma vez que é alegada a ausência de diálogo no que diz respeito à elaboração das atividades do serviço.

Apesar dos conflitos que permeiam a equipe do CAPS, analisou-se que os profissionais que mais apresentavam engajamento com as atividades comuns a todos,

tais como o “Bom dia, CAPS” e o acolhimento, eram aqueles que mais conseguiam descrever e identificar as diferentes funções em sua volta, ou seja, evidenciaram maior clareza de papéis, já que estavam mais envolvidos com o trabalho em equipe.

### **Compreendendo o trabalho em equipe na UBS e no NASF**

Além do CAPS, a rotina de uma UBS e do NASF também foram cenários das vivências do grupo de Saúde Mental. A UBS em questão era representada por duas equipes multiprofissionais da Estratégia Saúde da Família (ESF), formadas por uma médica, enfermeiros, técnicos em enfermagem, odontólogo, auxiliares de saúde bucal e os agentes comunitários de saúde (ACS). Já no contexto do NASF, o quadro de funcionários era composto por fisioterapeuta, nutricionista, psicóloga, fonoaudiólogo, educador físico e assistente social. Isto posto, a observação do trabalho em equipes nesses serviços foi pautada na efetivação das ações em saúde e na forma como as equipes se articulam dentro do grupo e entre si.

Ao dialogar com alguns profissionais da UBS, os discentes perceberam que não havia uma relação significativa entre as duas equipes. Ambas não conseguem estabelecer um diálogo contínuo sobre as ações que realizam, além de não possuírem uma periodicidade definida para as reuniões de planejamento. No que diz respeito às próprias intervenções direcionadas à população, foi relatado que a maioria dos atendimentos são efetivados por apenas um profissional, acontecendo de maneira alternada, um mês dedicado para o médico e outro para o enfermeiro. Essa dinâmica acontece, principalmente, em grupos específicos da UBS direcionados às pessoas com hipertensão e para as gestantes. Por este prisma, a realização de interconsultas são destinadas aos casos mais complexos, em que o enfermeiro percebe a demanda, descreve-a para a médica e recebem o usuário de forma conjunta.

Em relação ao atendimento à saúde mental neste cenário, averiguou-se que, apesar de ter espaços para demandas espontâneas e execução da escuta qualificada, as práticas se resumem a renovação de receitas dos medicamentos, sem haver ao menos um encontro com o médico ou outro profissional, já que a equipe apresenta que essa é a maneira adotada para lidar com o elevado número de casos. Em situações mais específicas, nas quais são identificadas questões emergenciais de saúde mental, há a intervenção da psicóloga do NASF, que atende, geralmente, três pessoas em cada UBS da cidade durante um turno semanal. Caso necessário, a profissional de psicologia também encaminha os usuários para o psiquiatra que atende na RAS da cidade.



Nessa perspectiva, o trabalho da psicologia se apresentou de forma individual, isolado da atuação das outras profissões que compõem o NASF. Os outros profissionais da equipe atuam por meio de visitas domiciliares e atendimentos conjuntos, havendo a presença de dois ou mais trabalhadores, aspecto este que varia a cada demanda. Desse modo, a partir do diálogo com os trabalhadores dessa equipe, foi evidenciada a efetivação de discussões dos casos de maneira semanal, o que faz com que o trabalho em equipe seja facilitado e a comunicação seja fortalecida.

Além desses aspectos, destacou-se que as ações conjuntas do NASF possibilitam uma melhor atenção ao usuário, tendo em vista que este poderá ser compreendido conforme a sua complexidade. Ademais, a equipe apresentou o planejamento para realizar grupos de apoio, com o intuito de ampliar os atendimentos, assim como para a criação de um espaço em que as pessoas possam socializar e compartilhar suas experiências.

## **DISCUSSÃO**

Considerando o processo metodológico e as vivências relatadas anteriormente, será discutida, nesta seção, a importância da clareza de papéis e do trabalho em equipe para a consolidação das competências interprofissionais e, em consequência, da Prática Colaborativa (PC). Haverá também a reflexão sobre a importância dessas práticas para o alcance da integralidade do cuidado em saúde mental.

Tendo em vista o atual cenário da Atenção à Saúde Mental no Brasil, atravessado por importantes transformações paradigmáticas e assistenciais (WETZEL et al., 2018), faz-se necessário o desenvolvimento de estratégias efetivas para a construção de processos formativos em saúde, os quais estejam comprometidos com a melhoria na qualidade desse nível de atenção. Além disso, a prática interprofissional colaborativa em saúde exige a organização do trabalho em equipe, apoiada em uma concepção ampliada de saúde, interagindo com usuário, comunidade, território e em equipe (CUFF et al., 2014; WETZEL et al., 2018).

Seguindo essa abordagem, Barr et al. (2008) apresentam que as competências interprofissionais agem por meio de ações e saberes, capazes de transformar as relações entre as diferentes categorias profissionais. Por conseguinte, a clareza de papéis e o trabalho em equipe são algumas das competências colaborativas que precisam ser discutidas entre os profissionais quando se pensa no trabalho interprofissional. Nessa

perspectiva, o trabalho em equipe e a PC promovem aos usuários e à comunidade a centralidade do cuidado, assim como a redução de erros por parte dos profissionais, além de gerar a estes, satisfação profissional (COSTA, 2016; PEDUZZI; AGRELI, 2018).

Nesse sentido, as iniciativas previstas pelo PET-interprofissionalidade têm como um de seus propósitos superar a lógica da formação uniprofissional, que forma profissionais separadamente, desconsiderando, então, a futura atuação conjunta. Fator este que influencia, de forma direta, na construção das identidades desses trabalhadores (COSTA, 2016). Desse modo, é imprescindível que os estudantes e profissionais entendam que as especificidades das categorias profissionais são complementares (COSTA, 2016; SANTANA; SILVA, 2020). Ademais, objetivos comuns devem ser traçados, compartilhados e centrados nos usuários, em suas famílias e territórios (PEDUZZI, 2017).

A ausência da clareza dos papéis, por sua vez, pode ocasionar dificuldades de contribuição dos profissionais da equipe, como também rivalidades e ressentimentos entre as áreas de atuação (COSTA; ENDERS; MENEZES, 2009). Por este prisma, o exercício da elucidação dos papéis permite a definição de objetivos comuns à equipe e a redução da fragmentação do cuidado, conflitos, repetição e o desperdício de recursos, melhorando a qualidade da atenção e possibilitando uma assistência integralizada, orientada pelas necessidades de saúde dos pacientes (BATISTA; PEDUZZI, 2018).

No CAPS, percebeu-se que a maioria das falas da equipe foram permeadas pela falta de clareza acerca do que cada profissional desempenha no serviço. Tal visão limitada e muitas vezes estereotipada das demais áreas profissionais é recorrente nos cenários dos serviços de saúde e deve ser transformada, superando o entendimento de que uma equipe é um grupo de pessoas que apenas ocupam o mesmo espaço. Portanto, estudantes e profissionais precisam, através da comunicação efetiva, aprender a reconhecer a importância do que o outro faz e como isso o complementa em sua prática, compartilhando, assim, objetivos, metas, planos de cuidado e responsabilidades (PEDUZZI, 2017).

Logo, refletir sobre o trabalho em equipe através da interprofissionalidade requer pensar sobre sua construção. De acordo com Peduzzi e Agreli (2018), a constituição de uma equipe se descreve como uma trajetória dinâmica, uma vez que os profissionais são inseridos nos serviços e, a partir daí, passam a se conhecer e aprendem sobre o trabalho, assim como compreendem a dinâmica de trabalhar juntos. Por esse motivo, fica

evidente a importância da clareza de papéis para o fortalecimento do trabalho em equipe, pois está ligada ao reconhecimento da importância de cada uma das profissões envolvidas, bem como a interdependência das áreas em busca de um cuidado integral em saúde (MALLMANN; TOASSI, 2019; SANTANA; SILVA, 2020).

Na mesma perspectiva, entram a necessidade da dissolução da hierarquização das relações entre profissionais e usuários (REEVES et al., 2010) e o desenvolvimento do senso de pertencimento à equipe, que são barreiras atuais que prejudicam todo o processo de construção da explicitação de papéis e das demais competências interprofissionais.

De maneira concomitante, Peduzzi e Agreli (2018) apresentam que exercer o trabalho em equipe é se envolver em uma definição compartilhada dos seus objetivos, do mesmo modo em que as ações do cuidado em saúde devem ser planejadas coletivamente e, por conseguinte, efetivá-las de forma conjunta, sem nunca deixar de considerar a complexidade de cada usuário e de sua família.

Nas vivências do CAPS, NASF e a UBS, alguns relatos apontaram as falhas de comunicação das equipes que, para os trabalhadores desses estabelecimentos, culminaram na falta de discussão dos casos e, respectivamente, na baixa resolutividade dos problemas cotidianos do serviço. A comunicação efetiva é considerada um dos atributos mais importantes do trabalho em equipe, pois o diálogo potencializa a aprendizagem profissional e melhora as relações de trabalho (PEDUZZI, 2017). Nesse sentido, a ausência do diálogo horizontal, apontada pelos profissionais, retrata a fragilidade da comunicação que, por sua vez, afeta a integralidade das ações, sendo esse um desafio a ser superado nesse processo de trabalho (PREVIATO; BALDISSERA, 2018).

As evidências de práticas fragmentadas, a falta de clareza de papéis e as próprias dificuldades em relação ao estabelecimento do trabalho em equipe são problemáticas que necessitam ser pensadas, pois são desafios impostos e que apontam para a busca de apoios institucionais. Em razão disso, o desenvolvimento de políticas públicas que permeiam a EIP deve ser posto em visibilidade, assim como dos desenhos curriculares e qualificação do corpo docente, com base na interação entre a universidade, os serviços e as comunidades. Dessa maneira, sendo almejado o repensar das relações interprofissionais e interpessoais de todos os envolvidos na formação e na produção dos serviços de saúde (REEVES et al., 2016).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estas experiências revelaram ainda mais a necessidade da inserção da interprofissionalidade na realidade dos contextos vivenciados. Apoiado na luta pelo rompimento da assistência fragmentada, o PET-Saúde-Interprofissionalidade apresentou aos alunos, professores e profissionais uma nova maneira de atuação, proporcionando, assim, uma maior visibilidade das competências interprofissionais e das práticas colaborativas.

Logo, a presença do programa nos serviços de saúde foi uma maneira de despertar nos trabalhadores um questionamento acerca de suas próprias práticas. Nessa perspectiva, o simples fato de observar e dialogar com esses profissionais já se apresenta como uma forma de intervenção, já que são estimulados a refletir sobre o que é o exercício interprofissional.

Do mesmo modo, os discentes passam a se reconhecer em um espaço privilegiado, uma vez que estão tendo acesso à EIP antes mesmo de atuar, e, ainda podem exercer esses aprendizados ao perceber os desafios enfrentados no cotidiano dos estabelecimentos de saúde. Ademais, os discentes participantes do PET possuem a oportunidade de aprender a importância de valorizar e compreender o papel de seus colegas, partindo, nesse sentido, para o melhor desenvolvimento de suas competências para trabalhar em equipe.

Além dos estudantes, os preceptores também começam a difundir as transformações das ações em saúde em seus locais de trabalho. Por meio disso, também compartilham suas experiências cotidianas para os alunos e docentes, fazendo com que haja uma articulação entre a teoria e a prática. Conforme esses aspectos, os debates fomentados no PET-Saúde são cada vez mais enriquecidos, pois acolhem diversas experiências, saberes e visões sobre o cuidado em saúde.

Considerando a importância dessas vivências, é reforçada a necessidade de uma maior publicação acerca de tais experiências. Em razão disso, sugere-se a realização de novos estudos que abordem e pesquisem os elementos, resultados e as dimensões da aplicabilidade da interprofissionalidade e de suas competências nas vivências de discentes, docentes, profissionais e usuários nos diferentes níveis de atenção à saúde, com a finalidade de promover uma maior difusão, investimento na EIP e na sua correlação com as competências interprofissionais.

Diante disso, ao adentrar nos estabelecimentos de saúde com o olhar voltado para a saúde mental, o grupo compreendeu que a clareza de papéis e o trabalho em equipe são competências indispensáveis para assegurar a integralidade da atenção em saúde mental. Afirmando, nesse sentido, que a PC é a principal maneira de posicionar o usuário, sua família e seu território no centro do cuidado.

## REFERÊNCIAS

BARR, H. et al. **Effective interprofessional education: argument, assumption and evidence** (promoting partnership for health). John Wiley & Sons, 2008.

BATISTA, R. E. A.; PEDUZZI, M. Prática interprofissional colaborativa no serviço de emergência: atribuições privativas e compartilhadas dos fisioterapeutas. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 22, supl. 2, p. 1685-1695, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832018000601685&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832018000601685&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 09 nov. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria nº 421, de 03 de março de 2010. Institui o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET Saúde) e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde**. Edital nº10, 23 de julho de 2018 - Seleção para o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde PET-Saúde/Interprofissionalidade. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 23 jul. 2018.

CECCIM, R. B. Conexões e fronteiras da interprofissionalidade: forma e formação. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 22, supl. 2, p. 1739-1749, 2018. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832018000601739&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832018000601739&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 09 nov. 2020.

COSTA, M. V. A educação interprofissional no contexto brasileiro: algumas reflexões. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 20, n. 56, pág. 197-198, março de 2016. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832016000100197&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832016000100197&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 22 nov. 2020.

COSTA, R. K. S.; ENDERS, B. C.; MENEZES, R. M. P. Trabalho em equipe de saúde: uma análise contextual. **Ciência, Cuidado e Saúde**, [S.L.], v. 7, n. 4, p. 530-536, 18 mar. 2009. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/6670>. Acesso em: 12 nov. 2020

CUFF, P. et al. Interprofessional education for collaborative practice: views from a global forum workshop. **Journal Of Interprofessional Care**, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 2-4, 2014. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24000878/>. Acesso em: 12 nov. 2020.

FERLA, A. A.; TOASSI, R. F. C. Formação interprofissional em saúde: um caminho a experimentar e pesquisar. In: TOASSI, R. F. C. **Interprofissionalidade e formação na saúde: onde estamos?**. Porto Alegre: Rede Unida, 2017. p. 7-13.

FILHO, J. R. F.; SILVA, C. B. G. Educação e prática interprofissional no SUS: o que se tem e o que está previsto na política nacional de saúde. In: TOASSI, R. F. C. **Interprofissionalidade e formação na saúde: onde estamos?**. Porto Alegre: Rede Unida, 2017. p. 28-39.

Interprofessional Education Collaborative Expert Panel (IPEC). **Core competencies for interprofessional collaborative practice: Report of an expert panel**. Washington, DC: Interprofessional Education Collaborative, 2011.

MALLMANN, F. H.; TOASSI, R. F. C. Educação e trabalho interprofissional em saúde no contexto na Atenção Primária no Brasil: Análise da produção científica de 2010 a 2017. **Saberes populares: Educação na Saúde**, v. 3, n. 1, p. 70-84, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/saberesplurais/article/view/91962>. Acesso em: 11 nov. 2020.

MAYNART, W. H. C. et al. A escuta qualificada e o acolhimento na atenção psicossocial. **Acta paul. enferm.** São Paulo, v. 27, n. 4, p. 300-304, Ago. 2014. Available from [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002014000400003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002014000400003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 25 nov. 2020.

MITCHELL, R. et al. Review: Toward realizing the potential of diversity in composition of interprofessional health care teams: an examination of the cognitive and psychosocial dynamics of interprofessional collaboration. **Med Care Res Rev.**, v. 67, n. 1, p. 3-26, 2010. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/26674051\\_Review\\_Toward\\_Realizing\\_the\\_Potential\\_of\\_Diversity\\_in\\_Composition\\_of\\_Interprofessional\\_Health\\_Care\\_Teams\\_An\\_Examination\\_of\\_the\\_Cognitive\\_and\\_Psychosocial\\_Dynamics\\_of\\_Interprofessional\\_Collaboration](https://www.researchgate.net/publication/26674051_Review_Toward_Realizing_the_Potential_of_Diversity_in_Composition_of_Interprofessional_Health_Care_Teams_An_Examination_of_the_Cognitive_and_Psychosocial_Dynamics_of_Interprofessional_Collaboration). Acesso em: 25 nov. 2020.

PUENTE, P K.; ALBUQUERQUE, F. J. Grupos e equipes de trabalho nas organizações. In: Zanelli, J.C.; BORGES, J. E. A.; BASTOS, A. V. **Psicologia, organizações e trabalho no Brasil**. Porto Alegre: Artmed., 2014. p. 385-408.

PEDUZZI, M. Educação interprofissional para o desenvolvimento de competências colaborativas em saúde. In TOASSI, R. F. C. **Interprofissionalidade e formação na saúde: onde estamos?**. Porto Alegre: Rede Unida, 2017. p. 40-48.

PEDUZZI, M.; AGRELI, H. F. Trabalho em equipe e prática colaborativa na Atenção Primária à Saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 22, supl. 2, p. 1525-1534, 2018. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832018000601525&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832018000601525&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 25 nov. 2020.

PREVIATO, G. F.; BALDISSERA, V. D. A. A comunicação na perspectiva dialógica da prática interprofissional colaborativa em saúde na Atenção Primária à Saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 22, supl. 2, p. 1535-1547, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832018000601535&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832018000601535&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 25 nov. 2020.

REEVES, S. et al. A BEME systematic review of the effects of interprofessional education: BEME Guide No. 39. **Medical teacher**, v. 38, n.7, p. 656-668, 2016. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/27146438/>. Acesso em: 28 nov. 2020.

REEVES, S. et al. The effectiveness of interprofessional education: key findings from a new systematic review. **Journal of interprofessional care**, v. 24, n. 3, p. 230-241, 2010. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20178425/>. Acesso em: 28 nov. 2020.

SANTANA, D.; DA SILVA, M. A percepção de estudantes da área da saúde sobre o trabalho interdisciplinar: Experiência no projeto de extensão Sorriso de Plantão. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, v. 11, n. 1, p. 13-24, 5 mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RBEU/article/view/10753>. Acesso em: 09 nov. 2020

SANTOS, G. M.; BATISTA, H. S. S. Docência, Pró-Saúde e PET-Saúde: narrativas de um fazer interprofissional. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 22, supl. 2, p. 1589-1600, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832018000601589&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832018000601589&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 28 nov. 2020.

WETZEL, C. et al. Análise sobre a formação interprofissional em serviço em um Centro de Atenção Psicossocial. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 22, supl. 2, p. 1729-1738, 2018. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-32832018000601729&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832018000601729&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 25 nov. 2020.

---

**Recebido em:** 04 de janeiro de 2021.

**Aceito em:** 06 de julho de 2021.